

As pequenas cidades em tempos de pandemia: uma reflexão sobre o espaço urbano da Quarta Colônia, RS, Brasil

Vanessa Manfio

da rede municipal de ensino de Nova Palma - Rio Grande do Sul - Brasil
nessamanfio@gmail.com

Resumo: A Geografia brasileira vem discutindo no âmbito de sua disciplina as grandes cidades, o estudo das metrópoles, portanto, na atualidade se faz necessário pensar também a urbanização nas pequenas cidades, eixo de gestão municipal e regional, espaço de vida populacional e econômica. Nessa forma, o presente artigo busca discutir as dinâmicas das cidades da Quarta Colônia, abordando como estas vem enfrentando as novas adversidades da Pandemia vivenciada pelo mundo em 2020. Para tal estudo utilizou o método descritivo intercalado com uma revisão de literatura sobre a temática. Com esta análise pretende ampliar as discussões sobre tema, contribuindo com a geografia urbana brasileira e trazer ao debate a realidade de enfrentamento da COVID-19 nas pequenas cidades, especialmente na região de estudo.

Palavras-Chave: Cidades. Pequenas. Quarta Colônia. Rio Grande do Sul. Pandemia. COVID-19.

Introdução

As pequenas cidades apresentam dinâmicas singulares, elas mantêm relações particulares na rede urbana que fazem parte, bem como apresentam conteúdos urbanos próprios. Algumas possuem estruturas e economia industrial, outras agrícolas e outras turísticas ou de serviços. Estas cidades protagonizam o desenvolvimento local e estão vivas no processo de urbanização, apresentando potencialidades e entraves.

É importante olhar para as pequenas, principalmente no contexto brasileiro, onde são muitas as pequenas cidades com ritmos importantes na região. No entanto, observa-se que a partir da década de 2000 é que os estudos sobre as pequenas cidades se proliferam no Brasil, ainda tímidos, mas complexos e concisos, abrangendo diferentes realidades, desde a Amazônia, Centro – Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul.

Neste ano de 2020, vive-se um momento inusitado, a Pandemia do COVID-19¹ que acomete o mundo inteiro. Logo, as cidades vêm enfrentando sérios problemas, como a espacialização do vírus, que tem causado inúmeras mortes, reorganizando a rotina dos grandes centros urbanos. Assim, como as metrópoles, as pequenas cidades também estão na rota dessa epidemia, inclusive no Brasil. Mas, o que chama atenção é que as pequenas cidades são dependentes de serviços médico-hospitalares representando uma preocupação sanitária neste momento.

Pensando nisso, este estudo buscou discutir a respeito da alteração das dinâmicas das pequenas cidades com a pandemia de Covid -19, especialmente na região da Quarta Colônia, localizada na porção central do Rio Grande do Sul, buscando entender quais as medidas de gestão e isolamento utilizados na pandemia, bem como as dificuldades enfrentadas por estas cidades. É importante

Para isto, utilizou-se o método descritivo que é pautado na análise, na observação, leitura e registro de dados e fatos. Para Triviños (1987, p. 110), “o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Nas pesquisas descritivas, geralmente, os pesquisadores possuem um expressivo conhecimento sobre objeto de estudo, através da realização de outras pesquisas e do conhecimento empírico (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Além disso, utilizaram-se autores importantes no tratamento das pequenas cidades, para constituir o referencial teórico, tais quais: Bacelar (2008), Bernardelli (2004), Corrêa (1999; 2011), Endlich, (2006), Fresca (2010), Manfio (2011), Melo (2008), Olanda (2008), Santos (1989), Silva (2011), Sposito (2004), entre outros. Este trabalho está organizado em três partes: primeiro a discussão teórica sobre pequenas cidades, segundo a abordagem sobre as pequenas cidades na região da Quarta Colônia Rio Grande do Sul (RS) e os impactos da pandemia COVID-19, e por último, as considerações construídas pelo trabalho.

Espera-se com este trabalho contribuir com os estudos e pesquisas sobre as pequenas cidades tão importantes para o entendimento da dinâmica urbana brasileira, pois estas cidades são participes de redes urbanas e desenvolvem papel significativo no entorno regional, seja, como gestora agrícola, administrativa, prestadora de serviços, e fornecedora de mão-de-obra, entre outros. Pensar as pequenas cidades do Rio Grande do Sul, especialmente da Região da

¹ Em dezembro de 2019, inicia-se um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China causado pelo vírus *Sars-Cov-2*, que espalhou a doença chamada de COVID, sigla em inglês para *Corona vírus disease* (Doença gerada por coronavírus) de prefixo “19”, por ter surgido no ano de 2019, quando foram divulgados os primeiros casos publicamente pelo governo chinês no final de dezembro, espalhando-se para o mundo inteiro, fazendo milhares de vítimas fatais (FIOCRUZ, 2020, *on-line*).

Quarta Colônia torna-se fundamental para o desenvolvimento da Geografia Urbana gaúcha e para o planejamento destes espaços.

As pequenas cidades: guisa teórica

As pequenas cidades são aquelas que apresentam uma estrutura pouco complexa, no que tange serviços e especializações, bem como de concentração populacional, que exercem papéis de influência locais. Para Silva (2011, p. 54), elas “são, então, núcleos urbanos que representam uma extensão menor se comparada a centros de outro porte e atende ao pressuposto da realização da vida, da produção do espaço e da reprodução capitalista, na divisão territorial do trabalho em escala internacional”. Neste sentido, a dimensão de pequena cidade refere-se muito da sua relação entre cidades, do nível de hierarquia dentro de uma rede urbana. Se ela consegue desempenhar funções apenas em escala local seja tida como uma cidade com poucas especialidades e, portanto, pequena cidade.

Assim, Milton Santos tratou a pequena cidade como à cidade local e conceitualizou-a como: aquela de “dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço” (SANTOS, 1979, p. 71). Logo, a cidade local é entendida “como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979, p. 71). Ainda, ela facilita o acesso da população aos bens e serviços a um valor inferior ao dos centros de nível superior (SANTOS, 1979). Em síntese, oferece serviços básicos de hospital, educação, comércio, jurídico etc.

Mas existem outras formas de pensar a pequena cidade, como afirma Corrêa (2011), a pequena cidade resulta de inúmeros processos formativos: a) de um habitat concentrado do primário e do secundário; b) de um núcleo de povoamento, onde sua população está engajada em atividades ligadas à transformação e circulação de mercadorias e prestação de serviços; c) de um núcleo dotado da função de sede municipal; d) por um centro local que exerce centralidade em relação ao seu território municipal, sua hinterlândia. Completa ainda o presente autor que o limite superior do tamanho demográfico da pequena cidade estaria em torno de 10.000 habitantes em algumas regiões, menos em outras.

Mas é comum algumas literaturas brasileiras falarem da pequena cidade como valores populacionais diferentes, Santos (1989) considera a pequena cidade com valor de até vinte mil habitantes, patamar utilizado também pelos organismos internacionais. Nas interpretações de Corrêa (1999), as cidades pequenas são aquelas com no, no máximo, cinquenta mil habitantes.

E o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) classifica este tipo de cidade como sendo aqueles de até 100 mil habitantes. No entanto chama atenção Olanda (2008) muitas cidade de 40 e 50 mil habitantes desempenham no conjunto das cidades funções de características de médias cidades. Daí reside às contradições em pensar as pequenas cidades como limites populacionais.

Para Olanda (2008, p. 186-187), “As pequenas cidades constituem-se em grandes desafios para a pesquisa em Geografia no Brasil, por diversos motivos, um deles é a ausência, ainda, de uma produção acadêmica mais significativa sobre essa temática”. Compartilha com esta preocupação, Endlich (2006) afirmando que esse conceito é de difícil elaboração, assim como o da própria cidade. Portanto, não é tão fácil caracterizar e reconhecer as pequenas cidades no contexto brasileiro, quando se tem um país com dinâmicas diferenciadas. Portanto,

Escrever sobre cidade pequena é um assunto que já preocupou diferentes autores brasileiros da Geografia, desde meados do século XX. Não é algo novo, porém é um tema e uma noção que se encontra em construção/transformação, visto que a realidade é dinâmica e complexa, comportando movimentos de superação, adaptação, reconfiguração etc. (SILVA, 2011, p.21).

Neste ponto, “o número mínimo ou máximo de habitantes não pode ser o elemento determinante na discussão sobre a temática das pequenas cidades” (FERNANDES, 2018, p.19). Mas o que deve prevalecer na conceitualização e classificação de pequenas cidades são os aspectos de: “a divisão do trabalho, a economia de mercado e a capacidade de consumo” (ENDLICH, 2006, p. 89). Uma cidade pequena somente pode ser conceitualizada pela avaliação das suas relações com outras cidades na esfera da rede urbana, sua importância dentro da hierarquia de cidades, ou ainda pelas suas funções, papéis e níveis de centralidade com o regional (ENDLICH, 2006; SPOSITO, 2004). É importante na consideração da pequena cidade a análise de vários fenômenos, nível populacional, dinâmica do centro urbano e participação na rede urbana, sua interação com a cidade grande e metrópole, avaliando ainda sua conexão com o rural e com a prestação de serviços essenciais para vida da população urbana.

Neste sentido, “as cidades pequenas são um recorte empírico/teórico e que têm sua dimensão específica, pois estão envolvidas em uma totalidade em que se inserem a sociedade e o mundo e, por extensão, as cidades e o fato urbano” (SILVA, 2011, p.21). No Brasil e no mundo, constatou-se esforços conceituais, metodológicos, no estudo das pequenas cidades (SILVA, 2011). Estes esforços demonstram a importância de se pensar as pequenas cidades no seu contexto, e dimensão socioespacial e econômica. É uma contribuição também para a Geografia Urbana se apoiar nas indagações de cidades importantes na lógica regional e local e que frequentemente ficam de fora nos interesses da academia. Atualmente, na geografia

brasileira vê-se uma preocupação de parte de muitos geógrafos e pesquisadores em tratar o contexto urbano destas cidades, valorizando o potencial que se tem nelas. Há pesquisas envolvendo o Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, dialogando com o viés da urbanização em centros menores.

Um ponto essencial para tratar as pequenas cidades é “as relações que estas mantêm com o campo, e têm reflexos importantes na conjuntura e processos verificados na estrutura e na dinâmica urbana e, igualmente no âmbito das questões demográficas” (ALVES; SILVA, 2015, p. 14). Muitas das pequenas cidades são extensões do rural e acabam por exercer papéis de gestora das atividades rurais. Além disso, a relação da pequena cidade com o campo é mais próxima e nítida, pois é o estreito da rede urbana onde se concentra esse tipo de cidade, já que na parte superior participa a metrópole e o grande centro urbano. No entanto, mesmo com esta relação campo-cidade expressiva a pequena cidade não é desprovida de ligações exteriores, e tão pouco de visibilidade tecnológica e capitalista. Como menciona Santos (2009), as pequenas cidades do entorno rural, antes, eram cidades pouco dinâmicas, com figuras notáveis como o padre, o tabelião, a professora primária, mas hoje virou-se uma cidade com serviços imprescindíveis ao campo e com os notáveis: agrônomo (o que antes viviam nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados. Dessa forma, as pequenas cidades agrícolas, atualmente, têm uma importância significativa na reorganização do espaço e da economia, oferecendo serviços especializados à economia local.

Atualmente, as pequenas cidades apresentam uma expressividade na rede urbana, são portadoras de dotes, seja por oferecer mão - de - obra, interconexão com o setor primário ou outro tipo de atividade. Conforme Fresca (2010, p.78) “As pequenas cidades ainda são responsáveis por atender parcela significativa da população em termos de bens e serviços imediatos à sua população”. Ainda, elas se tornaram lócus privilegiado da realização de uma parcela da produção, participam com interações espaciais de grande alcance (FRESCA, 2010). Desse modo, estas cidades são importantes no atendimento local, confluência da rede urbana e papel regional. Nesta linha, Alves e Silva (2015, p.15) completam que, “As cidades pequenas são predominantes e têm papel relevante no conjunto de cidades que formam a rede urbana brasileira”. Conforme Monbeig (2004, p. 280),

[...] as cidades pequenas apresentam tanto interesse quanto as colmeias urbanas modernas e é quase sempre mais difícil precisar seu mecanismo e o ritmo calmo de sua vida, do que analisar as rodas bem lubrificadas correndo a toda velocidade em metrópoles imponentes.

As pequenas cidades apresentam um ritmo de tempo e espaço diferente que a grande cidade, porém não menos importante para seus moradores e economia. Para Bacelar (2008) na pequena cidade as pessoas se conhecem pelo nome, há uma familiaridade maior, as pessoas almoçam em família, as distâncias entre as residências e o trabalho são mais curtas, muitas nem tem transporte coletivo intraurbano, dado a proximidades dos bairros e lugares. Nestas cidades a vida segue um curso mais leve, o tempo do relógio passa mais devagar que nos grandes centros urbanos, onde os congestionamentos e a distância da hinterlândia urbana são grandes, muitas pessoas saem de manhã e voltam à noite para casa. Destarte Manfio (2019, p. 40) afirma que,

As pequenas cidades estão conectadas com outras cidades, onde cada uma exerce uma atividade importante para o desenvolvimento regional e da própria relação interurbana. [...] as cidades pequenas podem apresentar diferentes papéis e dinâmicas dentro da rede urbana que estão inseridas, desde a função agrícola, a oferta de mão-de-obra, ou a oferta de moradia, de espaços industriais e turísticos. Essas cidades apresentam uma essência histórica e uma expressiva relação com outras áreas urbanas.

Por conseguinte, as pequenas cidades também se caracterizam por concentrar mão-de-obra. Como afirma Bernardelli (2004), no contexto da rede urbana haverá a formação de verdadeiros “viveiros de mão-de-obra rural”, estes se tornam trabalhadores temporários em outras cidades. Nestas cidadezinhas² relação cidade-campo e a discussão entre o urbano e o rural estão entre os temas mais apreciados pelos geógrafos que estudam cidades pequenas (BERNARDELLI, 2004). Algumas pequenas cidades fornecem mão-de-obra para outras cidades, são conhecidas como cidades dormitórios. Segundo Corrêa (2011), trata-se de pequenas cidades localizadas próximas a cidades médias e grandes e que viabilizam deslocamentos pendulares daqueles que ali vivem, mas trabalham numa cidade maior. Esta condição é vista na Região da Quarta Colônia, onde muitas pessoas moram das pequenas cidades, mas trabalham na cidade de Santa Maria. As pequenas cidades têm mais qualidade de vida, mas têm poucas oportunidades de empregos, ainda mais técnicos e graduados, isto repele os trabalhadores para o centro urbano maior.

Olhando na perspectiva brasileira as pequenas cidades atingem características diferentes no contexto urbano. No estudo de Oliveira (2006) sobre pequenas cidades na Região Amazônica brasileira foram apontadas as seguintes características: atividades econômicas quase nulas, com o predomínio de trabalho ligado aos serviços públicos; baixa articulação com

² Termo utilizado para falar de pequenas cidades. Portanto, cidadezinha ou pequena cidade é um termo usado para designar cidades que abriguem baixo número de habitantes e poucos serviços especializados.

as cidades do entorno; predominância de atividades caracterizadas como rurais; e, por fim, pouca capacidade de oferecimento de serviços, mesmo os básicos ligados à saúde, à educação e à segurança. No norte de Minas Gerais as características urbanas também se assemelham a região do Amazonas, tais quais: “a pouca capacidade oferecimento de serviços (...); a baixa articulação com as cidades do entorno; as atividades econômicas quase nulas, (...) e a predominância de atividades (...) relacionadas ao rural” (PEREIRA, 2007, p. 174).

Já na microrregião geográfica de Catalão (Goiás) a as pequenas cidades apresentam uma dinâmica atrelada à agricultura moderna, algumas cidades funcionam como reservatórios de mão - de - obra e isto provocam um esvaziamento dos habitantes em idade ativa; outras cidades vivem do turismo e de atividades industriais e religiosas; na maioria as pequenas cidades atendem as condições mínimas da população local (MELO, 2008).

Enquanto isso, no Rio Grande do Norte as pequenas cidades apresentam um quadro econômico precário, com escassos serviços e equipamentos urbanos, tanto de saúde, quanto de lazer, herança da realidade socioeconômica embasada na trilogia econômica formada pela cana-de-açúcar - pecuária - algodão, e pelo processo de construção do território norte-rio-grandense (GOMES, 2012).

No Rio Grande do Sul, a maioria das pequenas cidades apresenta uma dinâmica econômica associada ao contexto rural, serviços que atendem as necessidades básicas dos moradores locais, algumas cidades são cidades dormitório, pela qualidade de vida que oferece menor barulho, violência e problemas urbanos. Algumas pequenas cidades do RS estabelecem papéis expressivos no seu entorno, e mantém centralidade com a rede urbana a qual pertence. Como é o caso das pequenas cidades da Quarta Colônia na região central do estado.

Em suma, as pequenas cidades apresentam realidades distintas e uma organização histórica, econômica e de serviços diferentes, no que tange ao Brasil. Algumas áreas do país estas cidades apresentam uma precariedade de serviços, enquanto em outras partes do território brasileiro, existe uma organização de serviços e papéis expressivos das pequenas cidades na rede urbana e no entorno local. Porém, é importante pensar e analisar as pequenas cidades, a fim de fornecer subsídios teóricos para melhorar o planejamento e o conhecimento dessas cidades.

A reorganização e dinâmica das pequenas cidades da Quarta Colônia na Pandemia

A região da Quarta Colônia foi organizada historicamente pela colonização italiana no sul do Brasil. Essa área compôs o quarto núcleo colonial de imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul que originou os municípios de Dona Francisca, Ivorá, Faxinal do Soturno, Nova Palma,

Pinhal Grande, São João do Polêsine e Silveira Martins. Mais tarde por questões de planejamento político foram incorporados à região os municípios de: Agudo e Restinga Seca (Figura 1).

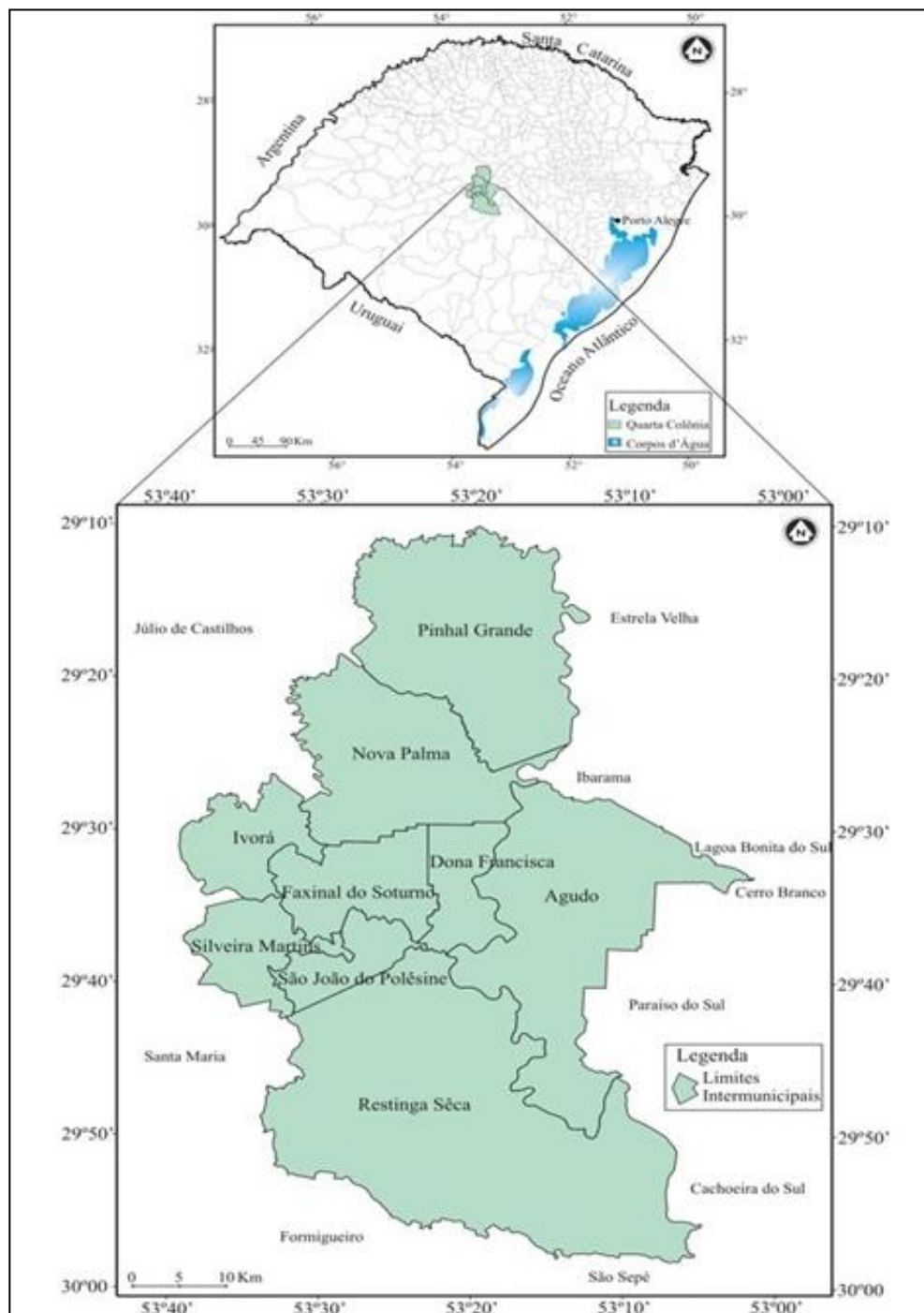


Figura 1 - Mapa de Localização de Nova Palma

Fonte: IBGE (2008), organizado pela autora (2010)

As pequenas cidades apresentam um patamar de população inferior a 10 mil habitantes. A cidade com maior população urbana também é Agudo com 6894 habitantes (Censo 2010) e o de menor população urbana é Ivorá de 705 habitantes (Tabela 1). No geral, são cidadezinhas

com pequena parcela populacional e uma concentração maior de residentes do rural (Tabela 1).

Tabela 1 – População total, urbana e rural dos municípios da Quarta Colônia

Município	População total (hab.)	População urbana (hab.)	População rural (hab.)
Agudo	16729	6894	9835
Dona Francisca	3401	2146	1255
Faxinal do Soturno	6672	4175	2497
Ivorá	2156	705	1451
Nova Palma	6345	3083	3262
Pinhal Grande	4471	1895	2576
Restinga Seca	15850	8982	6868
São João do Polêsine	2635	1354	1281
Silveira Martins	2452	1091	1361

Fonte: IBGE, censo de 2010

Esta região tem como base econômica a agricultura, basicamente agricultura familiar, onde se processa a lavoura moderna de soja e trigo, mas também a policultura, arroz, feijão, milho, fumo, entre outras. Neste ponto, as pequenas cidades desempenham um papel de gestora do meio rural, oferecendo suporte técnico, industrialização e comercialização dos produtos agrícolas.

Neste contexto, o desenvolvimento da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda (CAMNPAL) tem sido importante para a implementação de serviços agrícolas e na transformação do espaço urbano destas cidades, através de construção de estabelecimentos, da reivindicação de políticas públicas, valorização dos terrenos urbanos e oportunidades de empregos diretos (MANFIO, 2011). Para Saquet (1996, p. 31), “A CAMNPAL consolidou-se atuando como via “contratual” no desenvolvimento capitalista nas atividades agrícolas do município de Nova Palma, e em suas circunvizinhanças”. O cooperativismo impulsiona a atividade agrícola da região e as relações urbanas.

Ademais, o município de Agudo também conta com a Cooperativa Agrícola Mista Agudo Ltda (COOPERAGUDO) que atende a região. Então, com o desenvolvimento cooperativista na região a pequena cidade de Nova Palma e as demais cidades adquiriram novas funções e passaram a manter relações comerciais entre si (MANFIO, 2019). Esta condição tornou-se importante para o desenvolvimento urbano e regional.

A região da Quarta Colônia apresenta uma importância também na questão do turismo, rural e cultural, fazendo parte da rota gastronômica de Silveira Martins, onde os capitéis, a

paisagem, as cantinas e pousadas, as festividades, as igrejas, os monumentos e casarões antigos representam um acervo a céu aberto. De acordo com Manfio (2019, p. 41), “O turismo [...] têm permitido inter-relações mais complexas as cidades que compõem a rede urbana, associando pequenas cidades e centros urbanos maiores. Existindo, contudo, um fluxo de vai e vem nas pequenas cidades da Quarta Colônia”.

As atividades agrícolas e turísticas acabam sendo foco de inter-relações urbanas, ampliando as conexões da rede. De um modo geral, a centralidade urbana fica a cargo de Faxinal do Soturno e Agudo que concentra serviços médico-hospitalares, educacionais e jurídicos. Além disso, estas pequenas cidades mantêm dependência com a cidade média de Santa Maria que presta de serviços mais especializados em diversos campos, médico-hospitalares, comerciais, educacionais, jurídicos, indústrias e fluxos de deslocamento urbano, entre outros. Desse modo, Spolaor (2010) afirma que as pequenas cidades da Quarta Colônia apresentam uma pouca demanda de bens e serviços especializados, sendo os principais centros próximos Faxinal do Soturno, Agudo e Santa Maria. Para tal, Manfio (2019, p. 36) aponta que “Santa Maria é uma cidade polarizadora de fluxos e serviços que centraliza relações com toda a região Central do Rio Grande do Sul”, o que inclui a Quarta Colônia (Figura 2).

Partindo do exposto, as pequenas cidades em estudo apresentam uma relação expressiva com o entorno rural e regional, nelas são oferecidos serviços básicos para atender a população. De modo geral, contam com hospitais, equipamentos urbanos, escolas, cursos universitários e pré-vestibulares, cursos de línguas, fórum, delegacias, indústrias entre outros. Mas, apresentam precariedades de serviços quanto à cultura, pois falta teatro, cinema e shopping *centers* e de telecomunicação, por exemplo, internet e telefonia.

É importante afirmar que em muitas pequenas cidades a Igreja Católica exerce um papel expressivo na comunidade e dinâmica das cidades. Esta condição é perceptível na Quarta Colônia onde a igreja desempenhou tempos atrás uma força na construção de hospitais, cemitérios, da CAMNPAL, entre outros conteúdos urbanos. Assim, como acontece em cidades de outras regiões brasileiras, tais quais Milagres (BA), onde grande parte dos terrenos e equipamentos é da Igreja Católica.

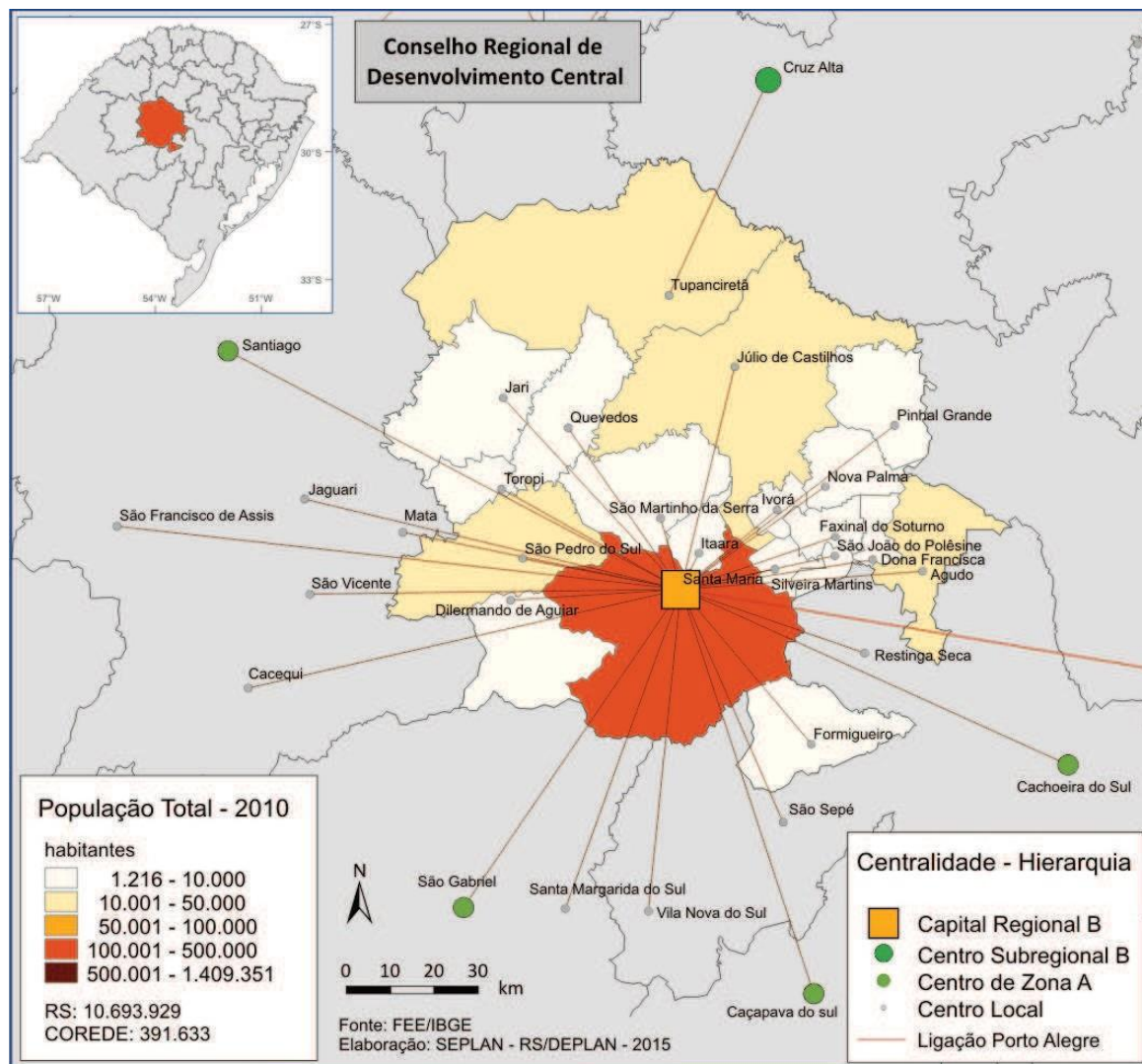


Figura 2 - Corede Central e a Hierarquia urbana em relação à Santa Maria

Fonte: Fundação de Economia e Estatística, 2015

Entrando na abordagem da Pandemia que acomete o mundo inteiro, neste final de 2019 até o presente momento ano de 2020, pela propagação do vírus *Sars-Cov-2* que causa a COVID-19 abre-se uma análise para pensar as pequenas cidades, como elas estão se organizando espacialmente e no contexto hospitalar para atender a população local? E as pequenas cidades da Quarta Colônia como estão se virando neste contexto de isolamento social?

Primeiro ponto, as pequenas cidades geralmente são dependentes de serviços médico-hospitalares de grandes centros. Elas não dispõem de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) daí reside uma nova postura de muitas destas cidades de buscar recursos e investimento para atender as emergências locais, e adquirir aparelhos de ventilação pulmonar e reformas hospitalares. Assim como a orientação e busca de implantação de medidas como uso de máscaras, isolamento social, entre outros.

No Rio Grande do Sul, algumas pequenas cidades já estão enfrentando problemas com os altos índices de ocupação hospitalar e casos confirmados da Covid-19, como é o caso de Formigueiro, Ibirubá e Paverama, cidades com menos de 10 mil habitantes e alta contaminação.

No que tange as pequenas cidades da Quarta Colônia, ainda há poucos casos confirmados da doença. Mas existe uma reorganização espacial e social para a espera da COVID-19. Estas cidades estão buscando implantar leitos com respiradores mecânicos, e melhorar os serviços hospitalares a partir de campanhas feitas na comunidade, e doações de recursos financeiros de empresas locais e de parlamentares políticos. Por exemplo, a CAMNPAL fez doação de respiradores mecânicos para duas cidades Nova Palma e Faxinal do Soturno, a primeira por ser o berço da cooperativa e a segunda por atender como centralidade urbana imediata na região. A própria pequena cidade de Faxinal do Soturno se articulou na instalação de leitos de UTI para a COVID-19, assim como outras pequenas cidades da região. A cidade de Nova Palma vem tentando concluir a implantação da sala de raio X, em anexo ao hospital, certamente o serviço ajudará no diagnóstico da COVID-19. Claro que esta realidade não é apenas das cidades gaúchas, como noticiado pelos canais de televisão, outras pequenas cidades vêm agindo da mesma forma, como Itagi-BA.

Em Julho de 2020, também foi promovida a limpeza dos espaços públicos e vias de circulação das pequenas cidades da Quarta Colônia, pela empresa Desinservice de Santa Maria, sendo uma medida de diminuir a contaminação dos municípios. Nesta ação sanitária foram desinfetados os espaços de maior circulação de pessoas.

Destarte, Santa Maria instalou novas unidades hospitalares com a abertura de unidades no Hospital Regional de Santa Maria, assim como o Hospital Universitário de Santa Maria, o Hospital de Caridade, o Hospital Militar de Santa Maria tem alas médicas – hospitalares para atendimento de pacientes da COVID-19, atendendo tanto o município como a região. Isto é importante para vencer este momento de pandemia. Assim, como muitos serviços médicos apenas estão funcionando em serviços emergenciais, evitando a circulação e propagação do vírus Sars-Cov-2.

Nestas cidades, em março de 2020 foram adotados isolamento social, com a abertura de apenas serviços essenciais. Em maio passou a vigorar o distanciamento controlado³ do estado do Rio Grande do Sul, onde foram reabertos os estabelecimentos com restrições de

³ O modelo de distanciamento controlado do Rio Grande do Sul segue parâmetros de organismos da saúde e economia, onde é estabelecido um sistema de bandeiras e exigências de protocolos de controle que observa o número de contaminados na região, a disponibilidade de leitos hospitalares. Quando menor o número de contaminados maior a flexibilidade econômica na região (SECRETARIA DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2020). Mais informações em: <https://estado.rs.gov.br/entenda-o-modelo-de-distanciamento-controlado-do-rs>.

atendimentos ao público, ou seja, com capacidade reduzida de público e com cuidados de higienização. O uso obrigatório de máscaras já se tornou uma realidade no Rio Grande do Sul e traz uma nova forma de orientação dos sujeitos na circulação das cidades.

Retornando para a questão das cidades da Quarta Colônia, outro ponto de análise é a questão do turismo, as cidades que antes buscavam atrair turistas, agora estão num sentido inverso, de orientação dos visitantes de não acessar pontos turísticos da região, a fim de não gerar aglomerações e não expor a cidade a novos casos de Covid-19. Na igreja de Corpus Crist de Vale Vêneto distrito de São João do Polêsine, na Ermida de São Pio em Faxinal do Soturno, foram instaladas placas de interdição aos locais (figura 3).

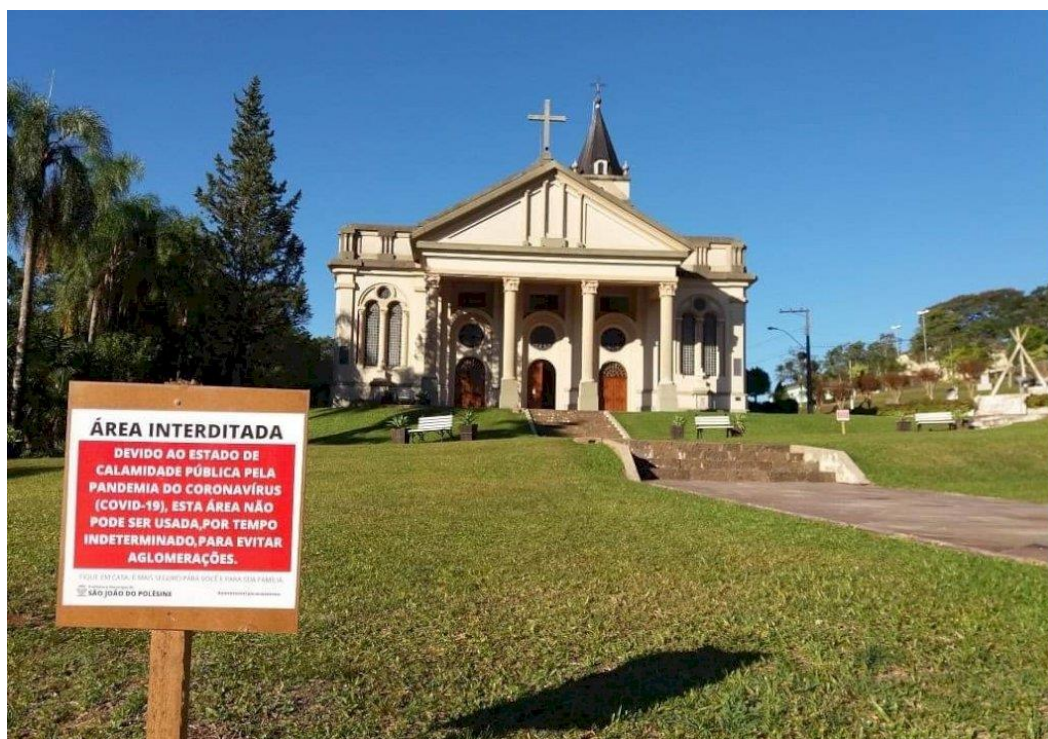


Figura 3 – Pontos turísticos interditados

Fonte: <https://diariosm.com.br/not%C3%ADcias/geral/pontos-tur%C3%ADsticos-s%C3%A3o-interditados-e-prefeituras-intensificam-fiscaliza%C3%A7%C3%A3o-na-quarta-col%C3%B4nia-1.2228150>

Além disso, as festividades estão suspensas, inclusive as atividades culturais e religiosas estão canceladas ou remarçadas para datas posteriores. Mas, a cultura italiana permanece na imaterialidade da população e nas atividades familiares. Com o isolamento social, muitas pessoas começaram a fabricar em casa o pão, a cuca, o *agnolini* e *capeleti*⁴, a massa, a bolacha, entre outros, seguindo tradições e receitas antigas, da *nona* (vovó), pois ela era a pessoa que costumava a produzir estes itens para alimentação. É uma forma de unir a família e a tradição

⁴ Agnolini ou Capeleti, um tipo de massa recheada encontrada na maioria dos estabelecimentos gastronômicos da Região de Colonização Italiana e fabricada por descendentes de italianos (FIGUEIREDO, 2010).

cultural, nestes tempos de quarentena. Logo, a questão da cultura não se esvazia com a pandemia, pois resiste na imaterialidade e nas feiras e canais virtuais.

Assim, as pequenas cidades por não terem condições de atender os casos graves da COVID-19, acabam por buscar o isolamento, impedindo que visitantes venham às cidades, como destacado na Quarta Colônia. Esta situação de barreira aos turistas ou o monitorando as pessoas que entram nas cidades são percebidos em outras cidades brasileiras, como respectivamente, São Luiz do Paraitinga -SP, cidade turística que tem montado sistema de fechamento dos acessos à cidade com a guarda da Defesa Civil e a Blitz Sanitária em Fortaleza dos Valos -RS.

As aulas estão seguindo o formato remoto, o atendimento é feito via oferta de atividades e aulas à distância. Esta forma de ensino utiliza-se de plataformas como facebook, WhatsApp, email, site das escolas, entre outros. Mas sempre fica o grande desafio para o retorno das aulas na pandemia, pois implica em exigências de sanitização, e distanciamento que muitas vezes as escolas não têm suporte e infraestrutura para estes procedimentos.

Um ponto a frisar na questão da memória e turismo é a revitalização de capitéis no município de Nova Palma-RS, a criação da Rota dos Capitéis em Nova Palma (figura 4). A "Rota dos Capitéis" é um projeto que está sendo formulado pelo Departamento de Cultura e Turismo do município de Nova Palma em parceria com o Curso de Gestão em Turismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com o intuito de valorizar esse precioso acervo histórico-religioso que conta com mais de 40 exemplares das pequenas capelas espalhadas pelo município (PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA, 2020a). A Igreja Matriz de Nova Palma também passa por um momento de restauração artística. Uma forma de se preparar para o turismo pós - pandemia.

Claro que a retomada do turismo na região deve-se se pautar na volta das festividades, os roteiros as paisagens naturais, cascatas, montes e parques, nos roteiros turísticos e no desenvolvimento do Geoparque da Quarta Colônia que busca reconhecimento junto a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). É um projeto de parceria entre UFSM e prefeituras da região.

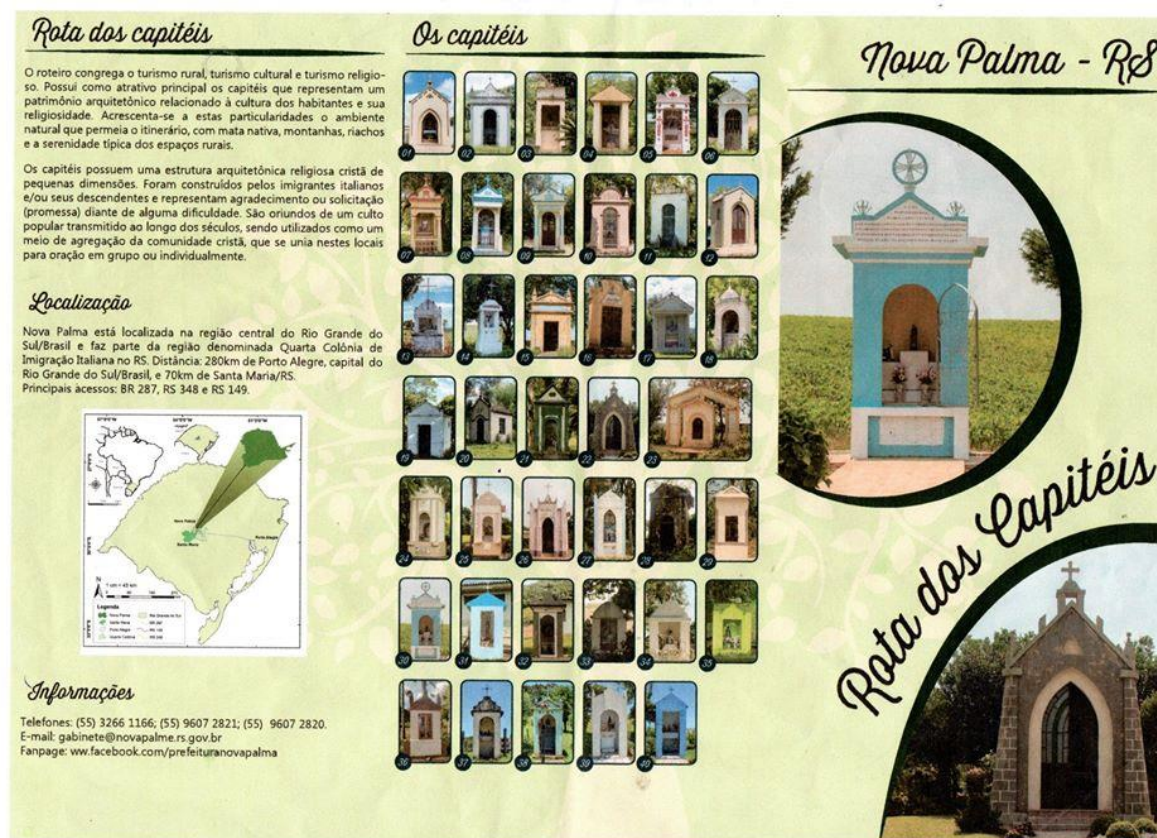


Figura 4 - Material provisório de divulgação da Rota dos Capitéis de Nova Palma-RS

Fonte: Prefeitura Municipal de Nova Palma, 2020b.

Mesmo com serviços sendo mantidos e reabertos nas pequenas cidades, é possível observar uma nova realidade em curso nestas cidades, que conseqüentemente implica na economia. Com a baixa atratividade turística e de serviços de restaurante, hotel, pousadas, entre outras, há um comprometimento também da questão financeira das famílias, principalmente de serviços familiares com baixa participação econômica neste momento. Ademais, os serviços informais ou terceirizados também são comprometidos neste momento como os das domésticas, jardineiros ou vendedores ambulantes, levando o empobrecimento da população, especialmente dos mais carentes. Na região da Quarta Colônia a preocupação é com os pequenos estabelecimentos comerciais ou agroindustriais familiares e com os artesãos da região que com o isolamento e o baixo comércio acabam entrando em crise econômica. Vê-se lancherias, padarias, mercados comercializando por meio de serviços tele-entrega e *delivery* para sobreviver em tempos de quarentena. Por outro lado, muitas artesãs e donas de estabelecimentos de roupas estão fabricando e comercializando máscaras de tecidos, a fim de garantir uma renda familiar, reorganizando suas produções, onde antes era ateliê de tricô, crochê, pintura, costura de roupas, agora tem incorporado a confecção de máscaras.

Logo, as pequenas cidades da região da Quarta Colônia estão buscando manter o atendimento às condições imediatas da população local, se readaptando ao novo quadro

epidemiológico que o Brasil e o mundo vêm enfrentando em 2020. Ao final deste período espera-se que estas cidades saiam fortalecidas, principalmente quanto aos serviços médico-hospitalares, que ficarão dispostos para atender outras enfermidades humanas. Assim, como o turismo abrirá novamente para oferecer atrativos aos visitantes, buscando oferecer rica gastronomia, belezas culturais e naturais, experiências em museus e lugares de origem da cultura italiana.

Considerações finais

As pequenas cidades são complementaridades da rede urbana, articulam a cidade-campo e são portadoras de papéis urbanos essenciais para o entorno local. Muitas cidadezinhas guardam riquezas culturais que se tornam atrativas ao turismo, outras é o ponto de gestão das atividades agrícolas, pois concentram serviços que atendem a dinâmica rural, tanto na industrialização, comércio ou prestação de serviços como acontecem nas pequenas cidades da Quarta Colônia.

Embora, apresentem atividades importantíssimas, elas são extremamente dependentes de serviços especializados, especialmente no contexto médico-hospitalar. A população local acaba por buscar estes serviços em centros médios ou grandes, no caso das cidades em estudo a centralidade é a cidade de Santa Maria, de onde convergem os fluxos para consultas, exames e outros atendimentos. Esta é uma condição clássica da pequena cidade.

No entanto, neste ano, desde março de 2020, a pandemia do Covid-19 que invade as cidades brasileiras tem gerado uma nova preocupação em discutir as pequenas cidades, buscando entender os seus entraves e superações tanto de serviços, infraestruturas e economicamente. As consequências da pandemia atingem todos os espaços, urbanos ou rurais, pequenas, médias e grandes cidades, porém, às pequenas cidades tem um ritmo diferente e torna-se fundamental pensar elas com um novo olhar geográfico, aquele que permite observar os limites e conteúdos urbanos, bem como a sua capacidade de reorganização socioeconômica.

Nas cidadezinhas da Quarta Colônia o que tem se visualizado é o esforço público em bloquear a entrada do vírus com medidas de uso obrigatório de máscaras, distanciamento social, interdição de espaços públicos, entre outros. Além disso, o esforço em adquirir equipamentos de ventilação mecânica e de melhoria nos hospitais tem tomado conta das políticas comunitárias das pequenas cidades.

Quanto à questão econômica os estabelecimentos comerciais, especialmente os pequenos estão se reinventando para atender os consumidores através de canais de tele-

entrega, vendas *onlines* e alteração da produção, muitas lojas pequenas e as costureiras das cidades estão investindo na confecção de máscaras, aventais, outro.

Em suma, as pequenas cidades têm uma dinâmica rica seja cultural ou econômica que se reinventa nestes tempos de pandemia. Além disso, a comunidade tem sido parceira das ações públicas para o enfrentamento da situação. Muitas cidadezinhas estão com o turismo fechado, mas se equipando com novas propostas para o pós-pandemia. Contudo, discutir estas realidades e o engajamento local é importante no limiar da Geografia Urbana do século XXI, abrindo caminhos para o conhecimento destas cidades e contribuir para o planejamento e dinâmica local. A Geografia Urbana não se esvazia com os estudos das metrópoles, ela ganha conteúdo com as abordagens acerca das pequenas cidades e do seu contexto intraurbano e na rede urbana.

Small cities in pandemic times: a reflection on the urban space of the Fourth Colony, RS, Brazil

Abstract: Brazilian geography has been discussing in the scope of its discipline the big cities, the study of the metropolises, therefore, nowadays it is necessary to think also the urbanization in the small cities, axis of municipal and regional management, space of population and economic life. In this way, the present article seeks to discuss the dynamics of the cities of the Fourth Colony, addressing how they have been facing the new adversities of the Pandemic experienced by the world in 2020. For this study, it used the descriptive method interspersed with a literature review on the subject. With this analysis, it intends to expand the discussions on the theme, contributing to the Brazilian urban geography and to bring to the debate the reality of coping with COVID-19 in small cities, especially in the study region.

Key words: Small. Cities. Fourth Colony. Rio Grande do Sul. Brazil. COVID-19.

Las pequeñas ciudades en tiempos de pandemia: una reflexión sobre el espacio urbano de la Cuarta Colonia, RS, Brasil

La geografía brasileña ha venido discutiendo en el ámbito de su disciplina las grandes ciudades, el estudio de las metrópolis, por eso, hoy en día es necesario pensar también la urbanización en las pequeñas ciudades, eje de gestión municipal y regional, espacio de población y vida económica. De esta manera, el presente artículo busca discutir la dinámica de las ciudades de la Cuarta Colonia, abordando cómo han estado enfrentando las nuevas adversidades de la Pandemia vivida por el mundo en 2020. Para este estudio se utilizó el método descriptivo intercalado con una revisión de la literatura sobre el tema. Con este análisis, se pretende ampliar las discusiones sobre el tema, contribuyendo a la geografía urbana brasileña y traer al debate la realidad del afrontamiento del COVID-19 en las ciudades pequeñas, especialmente en la región de estudio.

Palabras clave: Pequeñas. Ciudades. Cuarta Colonia. Rio Grande do Sul. Pandemia. COVID-19.

Referências

ALVES, L. A.; SILVA, A. R. P. Desafios e potencialidades das pequenas cidades para o desenvolvimento no contexto de uma sociedade urbana: alguns apontamentos com base na realidade de Frutal-MG e São Gotardo-MG. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v.35, p.7 - 37, Dez/2015 <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/38065/27752>

BACELAR, W. K. de A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global: relações e especificidades sócio-políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara -MG**, 411f. 2008. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Uberlândia, 2008.

BERNARDELLI, M. L. F. H. **Pequenas cidades na região de Catanduva-SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias**. 2004. 347f. Tese (Doutorado em Geografia) – FCT, UNESP, Presidente Prudente. 2004.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP. Revista da Pós-Graduação em Geografia**, FFLCH/USP. São Paulo, n. 30, 2011, p. 05-12.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro, Ano IV, nº 06, p. 43-53, jan./jun., 1999.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. (Tese de Doutorado em Geografia). Presidente Prudente: FCT/ Unesp, 2006. 507p.

FERNANDES, P. H. C. O urbano brasileiro a partir das pequenas cidades. **Revista Eletrônica Georaguaiá**. Barra do Garças-MT. V 8, n.1, p. 13 - 31. Janeiro/Junho 2018.

FIGUEIREDO, F. B. Referências Imateriais: o estudo do Agnolini. In: VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. 2010. Caxias do Sul-RS. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 9 a 10 de julho de 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, R. de C. da C. Planejamento urbano e equipamentos sociais nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte. **Scripta Nova - REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**. Barcelona. Vol. XIV, núm. 331 (58), 1 de agosto de 2010

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: acesso em: 22 abr. de 2020.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma/RS**. 128f. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

MANFIO, V. O contexto e a importância das pequenas cidades na dinâmica da rede urbana: uma abordagem acerca de Nova Palma, RS. **Geoingá: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 24-45, 2019.

MELO, N. A. de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO):** análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 527f. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade federal de Uberlândia – MG, 2008.

MONBEIG, P. O estudo geográfico das cidades. **Cidades**. v. 1, n. 2, p. 277-314, 2004.

OLANDA, E. R. As pequenas cidades e o vislumbrar do urbano pouco conhecido pela geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 2, n. 4, p.183-191, ago./2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/4699/3956>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

OLIVEIRA, J. A. de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. In: *Ciência e Cultura*, Campinas: SBPC, v. 58, n. 3, p. 27-29, jul./set. 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PALMA. Rota dos capitéis. Disponível em: <http://www.novapalma.rs.gov.br/secretarias/secretaria-de-cultura-turismo-industria-e-comercio/projetos-e-aco-es/rota-dos-capiteis/1496>. Acesso em: 2 de junho de 2020a.

SANTOS, M. As cidades locais no Terceiro mundo: o caso da América Latina. IN: _____. *Sociedade e espaço*: Petrópolis: Vozes, 1979. P. 69-75.

SANTOS, M. *Urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec. 2009.

SAQUET, M. A. **A construção do espaço em Nova Palma (RS)**. Nova Palma: Prefeitura Municipal, 1996.

SILVA, P. F. J. da. *Cidades pequenas e indústrias: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente – SP*. 285f. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente - SP, 2011.

SPOLAOR, S. **Os papéis urbanos das pequenas cidades da Região da Quarta Colônia – RS**. 192f. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades de São Paulo**. Tese (Livre Docência) - Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2004. 508 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Editora Atlas, 1987

Sobre a autora

Vanessa Manfio – Graduada e mestre em geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora, da Rede Municipal de Nova Palma-RS.

Recebido para publicação em setembro de 2020

Aceito para publicação em janeiro de 2021